**A JUREMA NO TORÉ:**

**Núcleos de Identidade e Resistência Cultural dos Potiguara da Paraíba**

***Edvaldo Nascimento da Silva[[1]](#footnote-1)***

***Luiz Fernando Santos de Lima****[[2]](#footnote-2)*

**Grupo de Trabalho (GT):** GT 7 - Ensino Religioso, Culturas e Religiosidades Indígenas.

**Resumo**

O trabalho analisa a Jurema e o Ritual do Toré como componentes essenciais da resistência cultural e da identidade dos Potiguara na Paraíba. A Jurema Sagrada destaca-se por sua função ritualística, e também como um símbolo de conexão espiritual com a ancestralidade e a natureza. O Toré, por meio de danças, músicas e o uso da Jurema, representa uma afirmação e celebração cultural fundamental para a coesão da comunidade. Apesar da histórica criminalização do uso da Jurema, os Potiguara têm resistido, ressignificando suas práticas. Além disso, a interpretação contemporânea do Toré valoriza o papel das mulheres na preservação da cultura, promovendo seu empoderamento. Assim, a Jurema e o Toré preservam a identidade Potiguara, e também atuam como instrumentos de luta por reconhecimento e direitos culturais na atualidade, refletindo a importância dessas tradições na luta por dignidade e autonomia do povo Potiguara.

**Palavras-chave**: Jurema; toré; identidade; resistência.

**1 Introdução**

Este trabalho concentra-se na análise e valorização da Jurema Sagrada no contexto do Ritual Toré Potiguara, uma prática profundamente enraizada na cultura do Estado da Paraíba. Segundo Grunewald (2011), a Jurema é uma importante referência cultural, influenciando profundamente todas as comunidades indígenas e afro-brasileiras. Embora não seja uma exclusividade dos povos originários, a Jurema se apresenta como uma simbologia vital que preserva e promove os direitos sociais, políticos e econômicos dessas comunidades, funcionando como um elo de resistência frente a adversidades históricas e sociais.

Além de sua relevância cultural, a Jurema Sagrada destaca a interconexão entre natureza e espiritualidade, servindo como uma ferramenta para a manutenção de saberes ancestrais e práticas de cura. Por meio de suas propriedades medicinais e simbólicas, a planta se torna um elemento central na luta pela autonomia e autodeterminação das populações, fortalecendo a identidade coletiva e o senso de pertencimento. Dessa maneira, a Jurema enriquece as tradições locais, e atua como um instrumento de mobilização social, promovendo a valorização das práticas culturais e a resistência frente à opressão histórica, contribuindo para um diálogo mais amplo entre os saberes tradicionais e as demandas contemporâneas por justiça social e ambiental.

**2 A Jurema Sagrada**

A disseminação da religião da Jurema, impulsionada pela influência de diversos grupos sociais ao longo do tempo, contribuiu para a formação de um sincretismo cultural rico e complexo. Os Mestres, figuras centrais nessa tradição, preservaram o conhecimento indígena, e também incorporaram elementos de outras crenças, como o catolicismo e elementos africanos, criando uma prática espiritual que ressoa com a identidade e a resistência das comunidades em que se manifesta.

De acordo com Assunção (2010, p. 19, grifo do autor):

A partir da literatura existente, podemos inicialmente dizer que o culto da jurema é um culto de possessão, de origem indígena e de caráter essencialmente mágico-curativo, baseado no culto dos 'mestres', entidades sobrenaturais que se manifestam como espíritos antigos e prestigiados chefes de culto, como juremeiros e catimbozeiros.

A prática das cerimônias, que incluem muitas vezes danças, cânticos e rituais de invocação, reforça a coesão social nas comunidades, e também serve como um espaço de diálogo inter-religioso, onde diferentes narrativas de fé coexistem e se enriquecem mutuamente. Assim, a Jurema é uma expressão religiosa, e um fenômeno sociocultural que promove a valorização da diversidade e a construção de identidades coletivas no cenário contemporâneo.

Segundo Pinto (1995), a prática conhecida como Jurema é um elemento importante de um conjunto de tradições culturais que abrangem várias regiões do Brasil, incluindo o Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe. É conhecida por diversas nomenclaturas, como Catimbó, Macumba e Toré, é marcada pela incorporação de Mestres e Caboclos, e pelo uso ritual de tabaco e bebida. Essa prática ritual é principalmente encontrada no Nordeste do País, e também pode ser vista no Candomblé de Caboclo, na Bahia. Os nativos do Sertão nordestino foram pioneiros na introdução de crenças que moldaram a espiritualidade local. Com suas culturas ricas e diversificadas, esses grupos indígenas desempenharam um papel fundamental na formação das tradições religiosas da região, influenciando a prática espiritual, e também os costumes e modos de vida que perduram até os dias atuais. Essa herança cultural é um reflexo das profundas conexões que os indígenas mantinham com a terra e o sagrado, estabelecendo as bases para o sincretismo religioso que caracterizaria o Nordeste ao longo do tempo.

Através da herança histórica dos povos nativos que habitavam os estados há muitos anos antes da colonização em 1500, a religião tomou o nome da árvore Jurema. A cultura que se desenvolveu incorpora tanto os valores indígenas, incluindo a cura espiritual e a dança do Toré, quanto a sabedoria do povo afro-brasileiro.

Conforme Costa (2022, p. 10, grifo da autora):

[...] a bebida jurema como um dos ‘símbolos de comunhão’ com o passado e o sobrenatural, usada como canalizador de experiências mediúnicas vinculadas aos seres Encantados e aos espíritos dos caboclos, os proponentes das curas juntamente com o efeito terapêutico da bebida – um remédio para o corpo e para a alma.

De acordo com Pinto (1995), o Ritual da Jurema configura como um ato de integração, estruturado por uma série de símbolos que derivam da religião católica popular e incorporam elementos das tradições culturais e religiosas de comunidades africanas e indígenas. Esses símbolos, que foram adaptados e reconectados ao longo do tempo, são utilizados de maneira inovadora e original.

Além disso, a Jurema serve como um veículo de resistência cultural, permitindo que os povos indígenas reafirmem suas identidades frente a um contexto histórico de marginalização e apagamento. Em rituais que utilizam a planta, os saberes tradicionais são não apenas preservados, mas revitalizados, proporcionando um espaço de afirmação e valorização das cosmovisões indígenas.

**3 O Papel da Jurema no Toré Potiguara**

Conforme Carvalho e Santos (2012), a cultura indígena do Brasil é caracterizada por uma diversidade de tradições e crenças, e a comunidade Potiguara, no Estado da Paraíba, possui um ato ritualístico singular, onde a Jurema no Toré desempenha um papel central. Este ritual é considerado um dos mais importantes da comunidade Potiguara, abrangendo o uso da bebida da Jurema Sagrada, cantos e danças. A Jurema é uma planta nativa encontrada no nordeste do Brasil e é considerada sagrada para os indígenas, Potiguara. É utilizada para fins rituais e remete a um passado tradicional dos aborígines de ingerir a bebida em conexão com o mundo espiritual interligado à natureza. O Toré, por sua vez, envolve dança, fogueira e alguns instrumentos musicais, como maracá, tambor e flauta.

Segundo a cultura Potiguara, a Jurema é considerada a planta - mãe, fonte de alegria e equilíbrio para quem participa do ritual. Os Torés são vistos como um meio de se conectar com os deuses, cultuar a natureza e convidar os indígenas a abençoá-las. A produção da bebida da Jurema a torna um elemento sagrado. Quem a usa acredita que tem o poder de purificar o corpo e a mente.

De acordo com Mota (2011), as mulheres indígenas desempenham uma função primordial no rito, visto que a responsabilidade pelo preparo da bebida e pela dança recai sobre elas. Assim, os homens indígenas, com seus instrumentos musicais, são encarregados de imprimir no ritual o canto. O Toré é o momento principal e oportuno para todos da comunidade ter uma experiência com o sagrado através da música, dança e poesia. A diversidade da Jurema no Toré indígena se diferencia consoante a região onde é praticado.

Conforme Salles (2010), ressalta-se a importância dos estudos contemporâneos, com relação ao rito da Jurema no Toré. São estudos que apresentam, por meio de pesquisas, os processos responsáveis pela confirmação étnica dos povos indígenas do Nordeste. O entendimento demonstra a ligação intima da Jurema com o toré, utilizadas no enfrentamento das diversidades e desafios apresentados. A Jurema no Toré, desmistifica que o consumo da Jurema apresentava-se em oposição aos bons costumes, portanto deveria ser proibida. Ademais, desmistificou os documentos sobre a Jurema, que a mesma não fazia parte dimensão religiosa, e que a ingestão da bebida era prejudicial à saúde, transformando os indígenas em escravos do mandatário. Esse cenário de opressão e resistência revela a resiliência da cultura Potiguara, que, apesar das adversidades, encontrou formas de manter suas tradições vivas.

**4 O Renascimento da Jurema no Ritual Potiguara**

Ao longo dos séculos XVIII e XIX, as comunidades nativas nas aldeias de Vila Monte-Mór e Jaraguá, em Rio Tinto/PB, enfrentaram lutas e desafios significativos contra a elite local. Os indígenas foram forçados a realizar trabalhos pesados e, após a visita do imperador D. Pedro II às aldeias em dezembro de 1859, houve uma redefinição do território dos povos originários. No entanto, a luta pela terra continuou dando início a um período de resistência. Muitos relatos da época falavam sobre a ameaça de destruição das comunidades nativas, especialmente com a invasão das terras por fazendeiros, resultando na morte de diversas pessoas.

De acordo com Vieira (2006, p. 23):

No início deste século começou-se a desenhar a mobilização de moradores de duas aldeias localizadas no município de Rio Tinto – Paraíba, que se reconhecendo como indígenas, desejavam viver em suas próprias terras, como também receber tratamento diferenciado pelo estado e garantir melhor acesso à saúde e à educação. Incentivados pelo cacique geral dos Potiguara, os moradores de Monte-Mór ingressaram nesta mobilização realizando retomadas de terras ocupadas pelas usinas açucareiras, interditando rodovias, acampando na sede regional da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) em João Pessoa/PB. No ano de 2004, a terra indígena foi identificada e demarcada, aguardando a homologação. O Toré representou, assim como para outros grupos indígenas nordestinos, o elemento demarcador da indianidade, sendo realizado com mais frequência entre as pessoas que estavam se mobilizando.

Para garantir a preservação da identidade étnica e religiosa dos Potiguara, a Jurema Sagrada passou a ser utilizada no Ritual do Toré, fortalecendo a resiliência espiritual e a resistência dos antepassados indígenas. Gradualmente, a comunidade foi recuperando sua herança como povos originários do Brasil, empenhando-se em validar sua cultura e distanciar-se das associações negativas históricas, como as práticas de bruxaria e catimbó, que foram disseminadas pela fé católica e pelo catecismo desde o século XVI. Entretanto, apesar do fortalecimento da resistência indígena, crenças antigas de origem europeia ainda exercem influência atualmente.

A Jurema é fundamental nas cerimônias do Toré e já era utilizada antes da chegada dos europeus. Tentativas de mesclar Jurema e Toré com o catolicismo podem ter enfraquecido sua importância como símbolo de resistência Potiguara. A preservação das práticas tradicionais pela comunidade foi crucial para valorizar suas raízes e reafirmar sua identidade étnica, fazendo da Jurema um importante elo com sua história e espiritualidade, além de um espaço de resistência contra influências externas.

De acordo com Maffesoli (2017, p. 219, grifo do autor):

A Jurema é energia natural de um solo primitivo, o 'Élan Vital' de Bergson, impulso e pulsão de vida que permite a continuidade e percepção do tempo real e mítico. A 'sensibilite Ecosophique' que pensa e vive de maneira holística, unindo o indivíduo, a comunidade e o território.

No entanto, o preconceito enraizado, alimentado por crentes portugueses, especialmente jesuítas e elites, associaram o cultivo da Jurema ao catimbó perpetuando a crença de que a planta poderia trazer má sorte. Essas superstições foram transmitidas de geração em geração, revelando o desafio contínuo enfrentado pelos povos indígenas na busca por reconhecimento e valorização de sua cultura.

**5 A Jurema e o Toré como Símbolos de Resistência e Afirmação Cultural da Etnia Potiguara**

O Ritual do Toré e a Jurema Sagrada são pilares centrais na afirmação da identidade cultural da etnia Potiguara da Paraíba. Essas práticas tradicionais simbolizam resistência frente a séculos de opressão e tentativas de eliminação cultural. As manifestações espirituais e comunitárias durante os rituais revelam a complexidade das interações culturais entre influências indígenas e afro-brasileiras, reforçando a ideia de que a cultura é um conjunto dinâmico que exige contínua adaptação e renegociação.

Ao longo das décadas, as comunidades Potiguara enfrentaram desafios significativos, como a criminalização do uso da Jurema e a invasão de suas terras. Em resposta a esse contexto adverso, a reafirmação da Jurema no Toré torna-se uma estratégia essencial para a preservação da cultura Potiguara.

A Jurema, enquanto símbolo cultural e religioso, desempenha um papel central na vida dos Potiguara, expressando suas tradições, resistência e identidade. Sua rica relação com os costumes da comunidade se manifesta em rituais, práticas de cura e na transmissão de saberes ancestrais, essenciais para a preservação da identidade Potiguara. Entretanto, esse conhecimento muitas vezes é negligenciado nas discussões contemporâneas sobre educação indígena, destacando a necessidade de integrar essas práticas no ambiente escolar.

De acordo com Souza e Nascimento (2011, p. 8, grifo dos autores):

[...] o consumo da Jurema está no imaginário dos 'troncos velhos' Potiguara como símbolo místico que integra a própria história e identidade da etnia. Para eles, constitui-se patrimônio imaterial que deve ser preservado, perpetuado entre as crianças e jovens. As crenças sobre a Jurema devem ser mais disseminadas nas escolas indígenas. Os professores precisam discutir sobre a importância da planta para a cultura indígena Potiguara, suas potencialidades medicinais e representatividade religiosa. O trato com a Jurema não é uma prática oculta, torna-se elemento essencial da cultura Potiguara, portanto, deve ser socializado nas aulas de etnohistória. Conhecer sobre as origens e a representatividade da planta são possibilidades para a perpetuação do imaginário e das tradições religiosas. Nesse sentido, o espaço da escola tem sido tratado como alternativa de comunicação dos valores etnoculturais.

Integrar o ensino sobre a Jurema no currículo escolar pode fortalecer a identidade Potiguara, garantindo que as futuras gerações compreendam e valorizem seus legados culturais. Essa abordagem enriquece o conhecimento dos alunos e promove um ambiente de respeito e valorização das tradições indígenas, essencial para a convivência pacífica e a diversidade cultural no Brasil.

**6 Procedimentos Metodológicos**

A metodologia aplicada neste trabalho adota uma abordagem qualitativa e interdisciplinar, que combina a análise etnográfica das práticas rituais da Jurema e do Toré com uma revisão crítica da literatura sobre a cultura Potiguara e suas interações sociais e históricas. Além disso, fundamenta-se teoricamente na identificação de conceitos-chave como identidade, resistência cultural e espiritualidade, conforme constam nas obras trabalhadas neste resumo expandido. Foi realizada uma reflexão sobre o papel da Jurema como símbolo de resistência e conexão com a ancestralidade, integrando uma análise dos desafios enfrentados pela comunidade Potiguara ao longo da história, incluindo a criminalização de suas práticas e a luta por reconhecimento.

**7 Resultados das Análises**

O trabalho oferece uma análise das práticas rituais associadas à Jurema e ao Toré, destacando sua relevância na construção da identidade cultural e na resistência dos Potiguara diante de um histórico de opressão e marginalização. Esse enfoque permite uma reflexão profunda sobre os significados atribuídos à Jurema Sagrada e ao Ritual do Toré, posicionando-os como instrumentos de conexão com a ancestralidade, a natureza e como expressões de resistência cultural.

A atualização dessas práticas e a reinserção da Jurema no cotidiano da comunidade Potiguara estabelecem um diálogo entre tradições ancestrais e as demandas contemporâneas por reconhecimento e direitos culturais, evidenciando a resiliência do povo Potiguara.

**Considerações Finais**

Este trabalho investigou a rica tapeçaria cultural dos Potiguara da Paraíba, com ênfase na Jurema no Toré, um elemento central na construção de identidade e resistência cultural desta comunidade.

A vivência dos Potiguara, expressa pela Jurema, demonstra uma resiliência admirável na manutenção de suas tradições, mesmo frente a um contexto de exploração e marginalização. A interação entre passado e presente, tradição e inovação, possibilita que essa expressão cultural se reinsira em novos contextos sociais, contribuindo para o renascimento da identidade potiguara.

**Referências**

ASSUNÇÃO, Luiz. *O Reino dos Mestres*: a tradição da jurema na umbanda nordestina. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.

CARVALHO, Erika de Fátima Ribeiro; SANTOS, Mayara de Oliveira. jurema, a “Mãe das Plantas”: tradição, história e cultura. *Revistas Encontros Universitários da UFC*, v. 1, n. 1, p. 46-54, 2012.

COSTA, Surama Santos Ismael da. *Ritual da Lua Cheia*: espiritualidade e tradição entre os Potiguara da Paraíba. 2022. 329 f. Tese (Doutorado) – Curso de Doutorado em Ciências das Religiões, da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

GRUNEWALD, José. A Jurema e os Tambores de Mina em Tempos de Globalização. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, v. 1, n. 2, p. 343-355, jul./dez. 2011.

MAFFESOLI, M. *Ecosofia e a Sacralização da Natureza*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2017.

MOTA, Alexandre. Toré: dança, música e resistência na tradição Potiguara. *Cadernos de Campo*, v. 20, n, 21, p. 29-42, 2011.

PINTO, Maria. *A Jurema*: um ritual de integração. Rio de Janeiro: Pallas, 1995.

SALLES, Sandro Guimarães de. *Religião, espaço e transitividade:* Jurema na Mata Norte de PE e Litoral Sul da PB. 2010. 270 f. Tese (Doutorado) – Curso de Doutorado em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

SOUZA, Rosineide Marta Maurício; NASCIMENTO, José Mateus do. A Jurema no Ritual Toré dos Potiguara. In: *V Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade", 07,* São Cristóvão. **Anais** [...] São Cristóvão: UFS, 2011. p. 1-9. Disponível em: https://ri.ufs.br/ bitstream/riufs/10459/3/5.pdf. Acesso em: 09 ago. 2024.

VIEIRA, Márcia. Processo de demarcação de terras indígenas na Paraíba: uma análise do caso Potiguara. *Revista de Geografia*, v. 23, n. 2, p. 23-39, 2006.

1. Bacharelando em Ciências das Religiões pelo PGCR/UFPB. E-mail: edvaldosilvanascimento@hotmail.com. [↑](#footnote-ref-1)
2. Mestrando em Ciências das Religiões pelo PPGCR/UFPB. E-mail: luiz.lima2@academico.ufpb.br. [↑](#footnote-ref-2)